



## Crônica da Cidade

MARIANA NIEDERAUER | mariananiederauer.dj@dabr.com.br

### Parem de nos matar

É de impotência o sentimento de ver e de noticiar a morte de mais mulheres nas mãos de homens machistas. Eles matam com raiva e violência, como se fôssemos descartáveis. Estamos cansadas de apenas sobreviver. De contar os dias para o fim que nunca sabemos quando e de que forma chegará. Atacadas nas ruas por um desconhecido? Num

bar após um flerte? Em casa por alguém com quem trocamos votos no altar? Ou no meio da rua por aquele que insiste em manter um vínculo que se rompeu?

Muitas de nós estão tendo as vidas destruídas, corpos mutilados e o sentimento de culpa e de medo que as acompanham diariamente. Não é justo que seja assim. O leste Mulheres Vivas do último domingo é apenas mais um grito da revolta entalada em nossas gargantas e que explode dentro do peito. Precisamos cantar, dizer, desenhar; protestar até que entendam: parem de nos matar! Será pedir demais que nos deixem viver?

É verdade que o que queremos vai muito além disso. Queremos muito mais do que sobreviver, como disse. Queremos ser respeitadas, amadas de maneira altruista e verdadeira. Queremos usufruir dos nossos salários e acompanhar o crescimento dos nossos filhos. Queremos rir até sentir dor de barriga e ter o prazer de estar num relacionamento em que as cobranças sejam simplesmente acordos selados entre dois adultos que escolhem compartilhar uma caminhada juntos.

Todos nós cometemos erros, afinal, é humano errar. Mas posso dizer com segurança que muitas, mesmo sem obrigação, estão

continuamente e pacientemente nos ensinando a sermos melhores. Mostrando como a construção de uma sociedade mais justa e igualitária é essencial para aumentar a qualidade de vida nas cidades e que isso passa, necessariamente, por respeitar as mulheres.

Meninas e mulheres com formação adequada tendem a transformar a realidade das comunidades em que vivem. Seja pelo empreendedorismo, seja por outras formas de gerar renda e de trazer benefícios, como na ampliação da educação, do saneamento básico e dos serviços de saúde. Mâes que têm a chance de passar mais tempo — e com mais qualidade

— ao lado dos filhos pequenos contribuem para melhorias nos índices de adoecimento da infância até a idade adulta.

Evidente que uma sociedade justa e igualitária é tudo o que uma pequena parcela dos que dominam as posições políticas e econômicas do poder não quer. Mas precisamos — homens e mulheres — apegarmos à força da esmagadora maioria que somos e defender não só o direito básico à sobrevivência de esposas, filhas, netas, sobrinhas e amigas, mas também que elas vivam no potencial máximo de suas vontades. Nenhuma a menos: mulheres vivas!

**LUTO /** Referência para gerações de alunos, o médico, arquiteto e instrutor de tai chi chuan deixa um legado de serenidade e transformação, materializado na Praça da Harmonia Universal, patrimônio cultural imaterial de Brasília

# O adeus a Mestre Woo

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press

» LARA COSTA

Familiares, alunos e admiradores se reuniram ontem, no Cemitério Campo da Esperança da Asa Sul, para se despedir de Moo Shong Woo, conhecido por todos como Mestre Woo. O médico, arquiteto e instrutor de tai chi chuan morreu no sábado, aos 93 anos, vítima de um infarto. Reconhecido como um dos grandes nomes da cultura corporal chinesa no Distrito Federal, ele marcou gerações com sua presença serena e seu compromisso com a saúde integral. O sepultamento ocorreu às 16h.

Entre os presentes estavam alunos, autoridades públicas, políticos e pessoas que, ao longo de décadas, encontraram no mestre não apenas um instrutor, mas um guia para a vida. Para a filha, Tzulia Woo, o pai transmitiu muito mais do que técnicas e exercícios: deixou uma filosofia para viver bem. "Ele nos ensinava a cuidar do corpo, da mente, do ambiente, a viver em sociedade e a compreender que tudo tem uma razão", relatou.

Segundo ela, Mestre Woo sempre pediu que a própria despedida fosse encarada como celebração. "Meu pai dizia para não chorar no velório dele, que seria uma festa de uma vida realizada, porque ele aprendeu muito e pôde ensinar a tantas pessoas", contou, emocionada.

Aristein Woo, filho mais velho, reforçou o espírito ativo do pai, preservado até os últimos dias. "Ele fazia equitação, hidroginástica, fisioterapia, pilates. Em uma dessas práticas, passou mal e foi levado ao hospital. Fizeram tudo que era possível, mas era mesmo a hora dele. E partiu de forma tranquila, suave", lembrou.

O deputado distrital Chico Vigilante (PT/DF), responsável pela homenagem da Câmara Legislativa ao mestre, em 2016, compareceu para prestar solidariedade. "Ele só transmitiu paz, amor e carinho. É uma perda enorme para o Distrito Federal", assinalou.

Para ele, a presença de Woo fará falta em um momento tão turbulento. "Dói dizer adeus a alguém que viveu e pregou a humanidade que sonhamos. Em um mundo com tantas guerras e conflitos, queria que ele estivesse entre nós por mais tempo", lamentou.

O ministro aposentado do STJ José de Castro Meira também prestou homenagem, lembrando que Woo se dedicou ao próximo sem



O sepultamento ocorreu ontem, às 16h, com a presença de familiares, amigos e admiradores do mestre que marcou gerações com seu compromisso com a saúde integral

**Ele nos ensinava a cuidar do corpo, da mente, do ambiente, a viver em sociedade e a compreender que tudo tem uma razão"**

**Tzulia Woo,**  
filha do Mestre Woo



Mestre Woo foi pioneiro ao introduzir o tai chi chuan em Brasília, na década de 1970